

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANDRÉIA JUSSARA CARDOSO DA SILVA

**ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DAS CIÊNCIAS
HUMANAS: OS OBJETOS INDÍGENAS COMO MEDIADORES DA PRÁTICA
DOCENTE**

**São Borja
2017**

ANDRÉIA JUSSARA CARDOSO DA SILVA

**ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DAS CIÊNCIAS
HUMANAS: OS OBJETOS INDÍGENAS COMO MEDIADORES DA PRÁTICA
DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Angel Burgueño Etcheverry

**São Borja
2017**

ANDRÉIA JUSSARA CARDOSO DA SILVA

ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DAS CIÊNCIAS
HUMANAS: OS OBJETOS INDÍGENAS COMO MEDIADORES DA PRÁTICA
DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Ciências Humanas
da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção
do Título de Licenciada em Ciências
Humanas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 23/11/2017.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Daniel Angel Burgueño Etcheverry
Orientador
(UNIPAMPA)



Prof.Me. Viviane Margareth Pouey Vidal



Prof. Dr. Muriel Pinto
(UNIPAMPA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Daniel Angel Burgueño Etcheverry pelo seu empenho, dedicação e ensinamentos que foram essenciais no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos, o que tornou possível a conclusão desta monografia.

Agradeço a professora Viviane Margareth Pouey Vidal que me acolheu e com paciência me guiou na pesquisa arqueológica e que tanto contribuiu para que este trabalho tivesse o êxito esperado.

Agradeço a todos os professores do curso de Licenciatura em Ciências Humanas da UNIPAMPA pelo conhecimento transmitido e pelo excelente trabalho que me serviu de inspiração.

Agradeço ao incentivo e apoio do meu namorado Ricardo Machado que me acompanhou desde o início da graduação me encorajando. Parceiro que sempre esteve ao meu lado.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

A presente pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Humanas visa demonstrar a importância do uso dos objetos culturais indígenas como fonte documental no ensino da História Pré-colonial e Colonial. Através das atividades experimentais e simuladas baseadas nos métodos didáticos de ensino da arqueologia, história e antropologia buscou-se articular o conhecimento teórico com a prática. A metodologia consiste na pesquisa bibliográfica e na realização de oficinas de arqueologia experimental e simulada na EMEF-Duque de Caxias que permitiu aos alunos uma interação empírica com o conteúdo estudado. A partir da visualização dos artefatos indígenas e confecção de réplicas de cerâmicas Guarani foi possível observar que os educandos tornaram-se agentes ativos, construindo o conhecimento a partir do estudo e aproximação do modo de vida das etnias indígenas que habitaram o município de São Borja no período pré-colonial e colonial-missionário. Ao longo das atividades na escola foi possível identificar que o contato com os objetos indígenas possibilitou aos alunos identificar a permanência da cultura indígena em seu cotidiano, reconhecendo a sua relação de pertencimento e identidade com esta cultura ainda pouco reconhecida na cidade de São Borja. Neste sentido, este estudo e as práticas de ensino nas escolas permitiram compreender que a Educação Patrimonial é parte integrante do processo de formação social, contribuindo com o exercício da cidadania do educando que irá reconhecer e compreender o processo histórico local, saberes, tradições e bens culturais existentes na sua própria cidade.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Arqueologia Experimental/Simulada; Interdisciplinaridade; Metodologia de Ensino.

RESUMEN

La presente investigación de Conclusión del Curso de Licenciatura en Ciencias Humanas pretende demostrar la importancia del uso de los objetos culturales indígenas como fuente documental en la enseñanza de la Historia Pre colonial y colonial. A través de las actividades experimentales y simuladas basadas en los métodos didácticos de enseñanza de la arqueología, historia y antropología se buscó articular el conocimiento teórico con la práctica. La metodología consiste en la investigación bibliográfica y en la realización de talleres de arqueología experimental y simulada en la EMEF-Duque de Caxias que permitió a los alumnos una interacción empírica con el contenido estudiado. A partir de la visualización de los artefactos indígenas y confección de réplicas de cerámicas guaraní fue posible observar que los educandos se convirtieron en activos, construyendo el conocimiento a partir del estudio y de la aproximación del modo de vida de las etnias indígenas que habitaron el actual municipio de São Borja en el período pre colonial y colonial-misionero. A lo largo de las actividades en la escuela fue posible identificar que el contacto con los objetos indígenas posibilitó a los alumnos identificar la permanencia de la cultura indígena en su cotidiano, reconociendo su relación de pertenencia e identidad con esta cultura aún poco reconocida en el municipio de São Borja. En este sentido, el presente estudio y las prácticas de enseñanza en las escuelas permitieron comprender que la Educación Patrimonial es parte integrante del proceso de formación social, contribuyendo con el ejercicio de la ciudadanía del educando que va a reconocer y comprender el proceso histórico local, saberes, tradiciones y tradiciones bienes culturales existentes en su propia ciudad.

Palabras-clave: Educación Patrimonial; Arqueología Experimental/Simulada; Interdisciplinaridad; Metodología de Enseñanza.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – exposição em sala de aula dos objetos de origem indígena no nosso cotidiano.....	39
Figura 2 – alunos confeccionando cerâmicas Guarani.....	40
Figura 3 – alunos construindo as maquetes dos espaços geográficos pré-coloniais e coloniais de São Borja.....	40
Figura 4 – alunos preparando tintas naturais.....	42
Figura 5 – degustação de comidas típicas da culinária indígena a base de urucum e açafrão de milho e mandioca.....	42
Figura 6 – alunos em busca de artefatos indígenas na caixa-sítio.....	43
Figura 7 – alunos analisando o artefato indígena.....	43
Figura 8 – alunos registrando os dados do artefato na ficha de identificação.....	43
Figura 9 – réplicas de artefatos cerâmicos.....	44
Figura 10 – maquete de cerritos.....	44
Figura 11 – maquete de aldeias indígenas nas margens do Rio Uruguai.....	44
Figura 12 – maquete redução de São Borja.....	44
Figura 13 – painel com desenhos.....	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ARQUEOLOGIA E O ESTUDO DAS CULTURAS: A HISTÓRIA PRÉ-COLONIAL E COLONIAL CONTADA PELOS OBJETOS INDÍGENAS	13
2.1 O lugar dos povos originários na história do Brasil.....	15
2.2 Relação entre sujeito e objeto: um olhar para o artesanato indígena.....	20
3. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL NAS ESCOLAS: AS AÇÕES EDUCATIVAS ACERCA DA CULTURA MATERIAL INDIGENA	22
3.1 Arqueologia e a interdisciplinariedade em Ciências Humanas.....	24
3.2 A utilização dos objetos materiais como ferramentas de ensino na educação básica.....	25
3.3 As oficinas de arqueologia experimental/simulada no ensino da história local	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXO	52

1 INTRODUÇÃO

Os objetos materiais são considerados importantes fontes de informações que podem ser trabalhados interdisciplinarmente no ensino das Ciências Humanas. Além de propiciar uma situação de investigação, os objetos também aguçam a curiosidade e a capacidade de reflexão dos alunos. Com o auxílio de atividades experimentais, os objetos materiais são problematizados a partir de técnicas arqueológicas, sendo responsáveis diretamente pela compreensão e construção do conhecimento em sala de aula.

As fontes materiais se constituem em uma vasta gama de objetos que remontam à história e fornecem um testemunho do passado. Ao entrar em contato com objetos materiais, o educando assume o papel de aluno-pesquisador, produtor de conhecimento. Nesse sentido, a pesquisa arqueológica pode se tornar uma grande aliada no processo de ensino aprendizagem, por meio da leitura, análise e interpretação dos objetos (artefatos e vestígios).

Neste contexto, a presente pesquisa procurou focar a contribuição das técnicas didáticas da arqueologia utilizadas comumente pelos arqueólogos(as) no processo de Educação Patrimonial. Neste trabalho, estas técnicas foram estudadas e utilizadas como ferramentas para o ensino das Ciências Humanas nas escolas do município de São Borja.; Através do diálogo entre arqueologia, história, geografia, sociologia e filosofia, buscou-se uma alternativa para despertar o interesse do aluno, bem como uma maior compreensão do conteúdo estudado.

O uso das metodologias de pesquisas arqueológicas abarcam várias possibilidades de estudo, além da análise tecno-tipológica com a identificação da matéria-prima e das técnicas de fabricação, podemos usar a comparação etnográfica para verificar a variabilidade cultural das diferentes sociedades, confrontando os modos de produção, os usos e significados dos objetos nas populações atuais e antigas.

Os elementos concretos como os objetos culturais são veículos de informação, que reforçam a assimilação do conteúdo estudado. Os estímulos externos como a interação com objetos ou situações, permitem ao aluno descobrir as suas propriedades e variações.

O objetivo geral deste trabalho concentra-se em refletir a contribuição dos objetos materiais como fonte de informação em ambientes escolares sob a óptica das Ciências Humanas. Dentre vários fins, a pesquisa objetivou propor usos e possibilidades do ensino da ciência arqueológica e das etnias indígenas na construção do conhecimento. Além disso a pesquisa objetivou incentivar práticas docentes que desenvolvam a interdisciplinaridade na história, geografia, sociologia e a filosofia articulando diversos conhecimentos e saberes por meio da Arqueologia, da Educação Patrimonial e da Antropologia a partir do estudo dos objetos seus significados materiais, culturais e simbólicos.

A metodologia adotada consiste em pesquisa bibliográfica de caráter teórico e pesquisa-ação, foram realizadas oficinas de Arqueologia Experimental a partir da confecção de réplicas da cerâmica Guarani e de escavações arqueológicas simuladas e oficinas sobre a história local na Escola Municipal Duque de Caxias. As atividades práticas experimentais e simuladas permitiram aos alunos uma interação empírica e interdisciplinar com o conteúdo estudado.

Desse modo, foi possível observar que os educandos tornam-se agentes ativos, construindo o conhecimento a partir do estudo e da aproximação do modo de vida das etnias indígenas que habitaram o Estado do Rio Grande do Sul, especificamente o município de São Borja, durante os períodos pré-colonial e colonial/missioneiro. O estudo está estruturado em três capítulos: No capítulo 1 introdutório contextualiza-se a pesquisa, seus objetivos e importância no ensino das Ciências Humanas. No capítulo 2, apresenta-se o que é arqueologia, a cultura material indígena, buscando-se conhecer e explicar os significados e a funcionalidade dos objetos materiais na cultura indígena. No capítulo 3 discute-se a utilização do conhecimento indígena e as didáticas de ensino da arqueologia em sala de aula a partir da Educação Patrimonial. Foram analisadas as fontes materiais e suas formas de uso no processo de ensino aprendizagem. Relata-se a experiência do projeto de intervenção pedagógica “Arqueologia na Escola”, utilizando como ferramenta as

oficinas de Educação Patrimonial que aliaram a teoria com a prática de ensino nas escolas. .

2 ARQUEOLOGIA E O ESTUDO DAS CULTURAS: A HISTÓRIA PRÉ- COLONIAL E COLONIAL CONTADA PELOS OBJETOS INDÍGENAS

Funari (2014) destaca que a Arqueologia tem como propósito estudar as culturas das diversas civilizações, através dos seus objetos, buscando compreender o funcionamento e as transformações nas sociedades no decorrer do tempo.

[...] a arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico (FUNARI, 2014 p. 15)

Laraia (2001) nos diz que *“A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores.”* Somos todos herdeiros da cultura desenvolvida pelos nossos ancestrais.

A cultura é flexível, molda-se á realidade da sociedade que a utiliza, ela pode ser transmitida por intermédio das práticas tradicionais, que privilegiam a tradição no uso dos objetos, ou seja, seguindo as regras sem alterá-las.

Através da investigação dos elementos materiais fabricados ou utilizado pelo homem no passado, o arqueólogo pode compreender e reproduzir a cultura primitiva. O conhecimento arqueológico parte da análise dos artefatos (objetos feitos pelo homem), dos ecofatos e dos biofatos (elementos naturais constituídos pela paisagem, fauna e flora).¹

Segundo Trigger o trabalho do arqueólogo consiste em:

[...] uma ciência social no sentido de que ela procura explicar o que aconteceu a um grupo específico de seres humanos no passado e fazer generalizações a respeito do processo de mudança cultural. Porém, ao contrário dos etnólogos, geógrafos, sociólogos [...], os arqueólogos não podem observar o comportamento da população que eles estudam; ao contrário dos historiadores, também não tem, na maioria dos casos, acesso direto ao pensamento dessa gente registrado em textos escritos. A arqueologia infere comportamento humano, e também ideias, a partir de materiais remanescentes do que pessoas fizeram e usaram, e do impacto físico de sua presença no meio ambiente (TRIGGER, 2004, p. 18-19).

O trabalho do arqueólogo parte da investigação dos indícios e vestígios das sociedades no tempo espaço, ou seja, as fontes arqueológicas. Trata-se de

¹ Ecofatos e Biofatos são os vestígios de meio ambiente e restos de seres vivos fossilizados (FUNARI, 2014)

atividades que englobam campo, laboratório e pesquisa; na atividade de campo o profissional realiza a escavação arqueológica, que tem função de identificar e caracterizar territórios de ocupação humana.

Ao analisar um artefato, o arqueólogo procura entender a finalidade da produção e uso desse objeto, e assim desvendar os saberes contidos nele. O artefato é produzido e utilizado para atender uma necessidade utilitária ou simbólico-estética. No que se refere aos aspectos simbólicos, ele assume um caráter de representação da identidade, do pensamento mitológico e religioso.

Trigger (2004) nos esclarece que a cultura material é um elemento ativo que participa das relações entre grupos, podendo tanto disfarçá-las ou refleti-las. Grupos que competem entre si, podem usar a cultura material para enfatizar sua superioridade ou tentar minimizar a sua inferioridade.

A cultura material constitui-se de um conjunto de elementos materiais móveis (objetos) e imóveis (sítios arqueológicos, construções). Os objetos arqueológicos são recuperados por meio de prospecção ou escavações, eles podem estar presentes nas sociedades contemporâneas em uso ou desativados.

Os objetos arqueológicos, indígenas além de serem culturais, por expressarem a identidade da comunidade à qual eles pertencem, são também etnográficos, pois apresentam características específicas de cada etnia. São objetos artísticos por priorizarem a estética, e são históricos por serem importantes fontes que fornecem informações de gerações antigas.

Na arqueologia brasileira existem duas principais áreas de estudo, o período “Pré - Histórico ou Pré- Colonial”, que investiga a origem dos povos nativos, interpretando a sua sociedade, história e cultura, e o período “Histórico ou Colonial” que investiga a sociedade, história e cultura dos povos nativos e dos colonizadores (FUNARI, 2014, p. 27, ORSER, 1992, p. 25)

A partir das fontes arqueológicas, o profissional formula hipóteses sobre a época mais antiga (FUNARI 2008). As fontes arqueológicas Pré- históricas correspondem às sociedades sem escrita; entre elas estão os artefatos líticos, cerâmicos, pinturas rupestres e fósseis. Já as fontes arqueológicas históricas pertencem às sociedades com escrita; podemos citar os artefatos, as construções, documentos escritos, informações orais (testemunhos) imagens pictóricas como pinturas, desenhos e fotos (ORSER, 1992, p. 31)

As fontes, arqueológicas são consideradas ferramentas fundamentais para apropriação dos processos educativos. Ao interpretar os dados fornecidos pela análise física e biológica dos objetos, podemos entender melhor o modo de vida da sociedade que pertence o objeto, explorando através da arqueologia experimental as semelhanças e as diferenças entre as sociedades antigas e as atuais.

O estudo das culturas tem como ponto de partida as abordagens antropológicas dos padrões Ético (Etic) e Êmico (Emic). No padrão Ético, a cultura é vista a partir do valor pré-definido pelo observador, segundo sua ideologia, ideia e cultura. O padrão êmico por sua vez apresenta uma perspectiva interna da cultura, ou seja, parte da visão do participante que vivencia a cultura (LINDÓRIO, s.d, p. 49).

A metodologia que trabalha o reconhecimento e identificação da cultura material de um grupo chama-se Etnodesign. Ao analisarmos o design dos objetos podemos interpretar as narrativas visuais integradas a eles, permitindo um resgate de antigas relações com o ser e com o fazer nativo. (NOGUEIRA, 2006, p. 5).

2.1 O Lugar dos Povos Originários na história do Brasil

A história e a identidade cultural brasileira estão expressamente subordinada a modelos eurocêntricos. Os indígenas na historiografia muitas vezes são vistos como meros coadjuvantes; esse fato se justifica na naturalização das relações de poder entre europeus e não-europeus (QUIJANO, 2005, p. 107-108)

O termo 'índio' criado pelos europeus, configura-se numa ideia Ética (Etic), pois parte de uma perspectiva colonizadora branca que abrange dentro de uma única categoria a diversidade étnica dos povos originários da América. Na identificação étnica, a percepção do próprio sujeito deve ser levado em conta como afirma ALMEIDA (2002)

“[...] o ponto de partida da análise crítica é a indagação de como os próprios agentes sociais se definem e representam suas relações e práticas e face dos grupos sociais com que interagem. Esse dado de como os grupos sociais chamados 'remanescentes' se autodefinem é elementar, porquanto foi por esta via que se construiu e afirmou a identidade coletiva... Os procedimentos de classificação que interessam são aqueles construídos pelos próprios sujeitos a partir dos próprios conflitos, e não necessariamente aqueles que são produto de classificações externas, muitas vezes estigmatizantes.”(ALMEIDA, 2002, p. 67-68)

A partir desses, pressupostos qual é o conceito apropriado que representa os descendentes desses povos? Para refletir sobre isso buscaremos as interpretações legais e da literatura.

O Estatuto do Índio (Lei nº 6001 de 1973) em seu art. 3º, incisos I e II, considera índio “ *todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional*” .

A postura do Estatuto do Índio é incompatível com a realidade, pois caracteriza o povo indígena e suas relações culturais desintegradas da cultura nacional. A diversidade cultural é base da cultura brasileira, ela é resultado da mistura dos elementos culturais indígenas e dos colonizadores. Sob o ponto de vista antropológico, o primeiro brasileiro é também chamado de *brasilíndio*, é o mestiço, filho de brancos e indígenas (RIBEIRO,1995, p. 128).

Na Constituição Federal de 1988 (no título VIII, artigos 231 e 232) os povos originários conquistaram os seus direitos sociais, como saúde, educação, terra entre outros. A regulamentação dos direitos indígenas abre espaço para uma nova percepção do ser indígena que passou a admiti-lo como cidadão brasileiro.

A cultura dos povos indígenas está diretamente ligada à formação da identidade nacional, regional e local; ela está expressa na herança tecno-cultural indígena que de acordo com RIBEIRO (1995) foi sobre essa base cultural que a tecnologia europeia se desenvolveu, modernizando e consolidando a sociedade brasileira.

[...] aprenderam com o índio a identificar, a denominar e a classificar e usar toda a natureza tropical, distinguindo as plantas úteis das venenosas, bem como as apropriadas à alimentação e as que serviam a outros fins. Aprenderam, igualmente, com eles, técnicas eficazmente ajustadas às condições locais e às diferentes estações do ano, relativas ao cultivo e preparação de variados produtos de suas lavouras, à caça na mata e à pesca no mar, nas lagoas e nos rios. Com os índios aprenderam, ainda, a fabricar utensílios de cerâmica, a trançar esteiras e cestos para compor a tralha doméstica e de serviço, a tecer redes de dormir e tipóias para carregar crianças. Foi, com os índios, também, que aprenderam a construir as casas mais simples, ajustadas ao clima, como os mocambos, com os materiais da terra, nas quais viveria a gente comum; a fabricar canoas com casca de árvore ou cavadas a fogo em um só tronco..(RIBEIRO, 1995, p. 129)

Índio é um termo errôneo criado pelos europeus que ao chegarem em terras brasileiras, acreditavam ser a Índia. Mesmo depois de perceberem que era outro continente, continuaram a usar o termo “índio” para se referirem aos habitantes dessas terras. (FUNARI, PIÑÓN, 2011, p. 17-18)

O conceito indígena designa o habitante originário de um território que já vivia nele antes da colonização, também chamado de nativo. Funari e Piñón (2011) enfatizam que:

ao longo da história do Brasil, tem cristalizado determinadas imagens sobre os índios que “fazem a cabeça” dos cidadãos presentes e futuros. Com isso, muitas vezes, acabam favorecendo a exclusão ou, pelo menos, o esmaecimento da presença indígena na sociedade e na cultura brasileira. (FUNARI, PIÑÓN, 2011, p. 8)

A imagem do indígena na escola é muitas vezes distorcida, vista pela ótica eurocêntrica, e uma das principais causas é a falta de diálogo sobre o papel dos povos indígenas na história do Brasil. A lei 11.645/08 institui o estudo da história e cultura indígena na educação básica.

A ausência dos conteúdos curriculares que abordam sobre as populações indígenas, não permite tratar da crítica ao preconceito, desenvolver a aceitação daqueles que não são iguais a nós, ou seja, não permite ao educando perceber a existência do outro, culturalmente distinto. (VIEIRA; SILVA; NASCIMENTO, s/d, p. 3)

A partir da Cultura material dos Povos originários do Brasil pode-se trabalhar a história nacional, regional e local nos períodos pré-colonial e colonial. No estudo da história do Rio Grande do Sul podemos destacar os povos indígenas pré-coloniais que viviam no estado como os Guarani, os Pampeanos (Charruas e Minuanos) e os Jê (Kaingang). Esses povos tiveram uma grande participação na construção da identidade gaúcha. A cultura indígena está presente no nosso cotidiano, na fala, no alimento, em utensílios domésticos, ferramentas, na arquitetura entre outros. É necessário conhecer a história do povo indígena para compreender a nossa própria identidade.

A construção da identidade gaúcha está ancorada na diversidade cultural indígena. Durante o período colonial o intercâmbio cultural entre os nativos e colonizadores deu origem a uma cultura híbrida; a partir dessa interação surgiu o “Gaúcho”, indivíduo que assimilou e recriou algumas práticas culturais indígenas,

Através da análise de objetos de origem indígena, que estão presentes em nosso cotidiano tal como o artesanato. Podemos compreender as contribuições desses povos no desenvolvimento do patrimônio cultural nacional, regional e local.

As técnicas e tecnologias de uma determinada sociedade revelam informações importantes acerca das suas práticas, valores e estruturas.

As ferramentas e utensílios indígenas eram adaptados às condições do ambiente; os Paleoíndios Pampeanos por exemplo viviam da caça e coleta, suas ferramentas eram essenciais para a sua sobrevivência.

O estudo das expressões materiais da cultura favorece o delineamento do perfil da sociedade e fornece elementos importantes para o conhecimento da história do grupo, já que a cultura material constitui testemunho complementar de informações sobre migrações, contato **intertribais e interétnicos, desenvolvimento das técnicas, etc.** (VIDAL e SILVA 1995, p. 378)

A arte indígena representa a comunidade em que o indivíduo está inserido; nela ele expressa suas características, traduz suas crenças e virtudes, que são as heranças transmitidas por gerações. Os indígenas produzem diversos tipos de artefatos para atender suas necessidades cotidianas e ritualísticas.

A arte está relacionada ao mítico, ao simbólico, ao sistema de poder, ao terapêutico, permeando toda a vida social. No domínio da arte, enfatiza-se o formal, a aparência, a imagem, como **meio de expressão e vivência da sensibilidade** (VIDAL e SILVA, 1995, p. 374)

Todos os objetos criados pelos indígenas são vistos por eles como uma produção artística, esses objetos apresentam características estéticas e também obrigatoriamente uma funcionalidade..

É por meio da arte que os indígenas produzem suas casas, seus utensílios como cestos para transporte de alimentos, panelas de cerâmica para o preparo das refeições, também criam armadilhas para caça e pesca, armas para proteção, objetos de adorno como cocares, tangas, pulseiras, estátuas e objetos musicais para uso em rituais religiosos.

Vidal e Silva (1995) nos esclarece que as sociedades indígenas e não-indígenas têm visões distintas sobre o que é arte.

[...] na nossa sociedade é preciso que o artefato não tenha nenhuma outra função além de ser arte, de provocar alguma reação ou reflexão estética, para que ele possa, de fato, ser considerado uma obra de arte. [...] Os indígenas e outros povos não-ocidentais não fazem objetos que servem só para serem contemplados. Tudo o que fabricam tem que ser bonito e, além de bonito, bom. (VIDAL e SILVA, 1995, p. 374)

Um artefato arqueológico indígena que podemos citar como exemplo são as bolas de boleadeira, um instrumento típico dos índios pampeanos. O instrumento indígena é composto por 3 bolas de pedra amarradas em couro, utilizada como arma de guerra e de caça pelos indígenas no período pré-colonial. Sendo uma importante ferramenta para a sobrevivência dos povos originários. Após a colonização, a boleadeira se tornou um instrumento de trabalho do homem do campo com o gado.

Neste período, os Índios Charrua e Minuano reconhecidos na literatura como os pampenos, que foram trabalhar como peões nas estâncias, levaram consigo elementos representantes da sua cultura que se tornou essencial na vida do gaúcho. Esse objeto servia como ferramenta para a captura do gado selvagem, era lançado girando sobre si, indo ao encontro do alvo, geralmente as pernas de um animal, que levando um tombo, fica imobilizado.

A incorporação da boleadeira na atividade com o gado trouxe inovação e agilidade ao homem do campo, se convertendo em um símbolo da identidade do gaúcho. Nesse sentido Vidal (2009) afirma que :

A boleadeira tem uma função bem específica na memória dos gaúchos. Ela significa a história dos seus ancestrais heróicos, a tradição e, ao mesmo tempo, o presente da sua cultura que necessita ser conservado e vivido. Dessa maneira, a memória dos gaúchos sobre as boleadeiras proporciona importantes informações em relação ao uso e significados dos objetos (VIDAL, 2009, p. 27)

Segundo Vidal (2009) muitos artefatos de bolas de boleadeiras foram encontrados nas áreas de campo aberto durante as pesquisas arqueológicas no Rio Grande do Sul. Esses artefatos servem como base de estudo, sobre os costumes e modos de vida dos grupos indígenas pampeanos e também permitem um estudo etnográfico dos atuais gaúchos. São fontes históricas, ou seja, objetos materiais que representam os costumes indígenas: .

Para tempos mais recentes, as fontes arqueológicas devem ser abordadas tendo em vista a possibilidade da analogia com outros povos em situação semelhante, no que chamamos de paralelo etnográfico. Por meio da observação do comportamento de grupos vivos, formularam-se alguns conceitos que foram aplicados ao passado da humanidade e ao estudo das fontes arqueológicas. (FUNARI, 2008, p. 96)_

Atualmente os estudos demonstram que boleadeira perdeu seu uso oficial com o gado domesticado, sendo associada à representação simbólica da tradição

gaúcha. O instrumento é considerado um patrimônio cultural, usado na indumentária gaúcha em dias festivos, como na semana Farroupilha.

2.2 A Relação entre sujeito e objeto: Um olhar para o artesanato indígena

A relação entre homem e objeto é parte integrante da construção da identidade social do sujeito; ou seja as coisas transmitem os valores, ideias e visões de quem os usam ou produzem. Identidade é a concepção que norteia o homem, é o elemento de identificação dele, o papel de reconhecimento de quem somos muitas vezes é desempenhado pelo objeto que usamos.

Os objetos externalizam quem nós somos; eles estão presentes na nossa vida participando e interagindo nas ações do cotidiano. Miller (2013) nos diz que o homem cresce e amadurece à luz de coisas que foram passadas pelas gerações anteriores. O que torna o que somos na grande maioria está presente nas coisas que nos cercam, os objetos exprimem status, ideologias, sentimentos.

Nesse sentido, o uso dos objetos é uma forma de expressão que visa representar e legitimar o homem enquanto sujeito. A produção material dos povos indígenas é uma das principais formas de ilustrar a cultura; é a marca que caracteriza a identidade de cada etnia.

Para compreender os modos de ser, viver e pensar dos povos originários é preciso analisar os significados simbólicos dos objetos. Ao compreender o simbolismo atribuído ao objeto podemos começar a decodificar a essência do ser indígena.

A história do simbolismo mostra que tudo pode assumir uma significação simbólica: objetos naturais (pedras, plantas, animais, homens, vales e montanhas, lua e sol, vento, água e fogo) ou fabricados pelo homem (casas, barcos ou carros) ou mesmo formas abstratas (os números, o triângulo, o quadrado, o círculo). De fato, todo o cosmos é um símbolo em potencial. Com sua propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais. A interligada história da religião e da arte, que remonta aos tempos pré-históricos, é o registro deixado por nossos antepassados dos símbolos que tiveram especial significação para eles e que, de alguma forma, os emocionaram. (JUNG, 1964, p.232)

Na cultura Kaingang, a cestaria é o principal objeto que representa a sua identidade; ela reúne todos os elementos que compõem a personalidade dessa etnia, o grafismo das cestaria trás os símbolos, cores, que conta a história e a cosmologia Kaingang. *“Os modelos e formas dos artesanatos variam muito de uma comunidade indígena para outra. O artesanato é a expressão exterior da identidade indígena.”*(Comunicação Oral, 1)²

Em relação aos significados da cultura material indígena podemos destacar que ao longo do tempo os objetos podem sofrer alterações dos seus significados iniciais, adquirindo novos valores e funções. A ressignificação dos objetos indígenas contempla a possibilidade de reviver a memória e fortalecer a cultura. A produção de artesanatos é um importante mecanismo de resistência cultural, de fortalecimento da identidade e ampliação do diálogo intercultural com a venda de objetos. Vidal (2009) considera que os artesanatos fazem parte do processo auto-afirmativo da etnia Charrua em Porto Alegre, bem como da busca pelo reconhecimento étnico das distintas culturas indígenas:

A apreciação da cultura Charrua pela sociedade ocidental colabora com o processo auto-afirmativo do grupo, assim como lhes garante a subsistência através do consumo dos artesanatos e das doações. Sendo este um evidente exemplo de como o consumismo contribui para reinvenção da identidade indígena. (VIDAL, 2009 p. 110)

Neste contexto, os atuais indígenas ao produzirem os seus artesanatos e comercializarem também estão fortalecendo a sua identidade étnica, delimitando culturas, ressignificando saberes e memórias na atual sociedade. Além de possibilitarem o reconhecimento dos demais cidadãos com a sua cultura e despertarem os sentimentos de identidade e pertencimento.

2 Comunicação oral, obtida em conversa com um membro da comunidade Kaingang Onório Moura.

3. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL NAS ESCOLAS: AÇÕES EDUCATIVAS ACERCA DA CULTURA MATERIAL INDÍGENA

Segundo Vidal (2010) a Educação Patrimonial é uma das estratégias de proteção do patrimônio arqueológico e tem um importante papel no resgate da identidade local:

[...] a Metodologia da Educação Patrimonial tornou-se um modo de "alfabetização cultural" e seu objetivo é fazer com que a comunidade conheça, observe e reconheça o patrimônio como parte da vida (VIDAL, 2010, p.9).

A metodologia da Educação Patrimonial consiste em uma forma pedagógica de intermediar e divulgar os conhecimentos arqueológicos, promovendo o resgate e valorização do patrimônio cultural. Horta, Grunberg e Monteiro (1999) definem a Educação Patrimonial como:

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999, p. 06).

Santos (2009) aponta que por meio da Educação Patrimonial podemos estudar as dimensões temporais e espaciais das sociedades antigas, ao analisarmos a trajetória do objeto, identificamos a disponibilidade de matéria- prima, modos de produção, usos, significados, seu desuso e também a sua reintrodução na sociedade contemporânea,

A Educação Patrimonial permite desvendar essa rede de significados, que incluem todos os aspectos relacionados a um objeto, da escolha da matéria prima para sua elaboração, à concepção de sua forma e de sua decoração, muitas vezes simbólica, até a circulação do mesmo na própria sociedade, ou em outra, por meio da troca ou do comércio, chegando até o seu descarte. Tais etapas podem ser atingidas por meio de uma leitura de seus aspectos e da decodificação dos mesmos (SANTOS, 2009, p.150).

Como mencionado, a ciência arqueológica visa entender o passado humano, através do estudo dos seus artefatos. Na escola, a arqueologia pode ser trabalhada interdisciplinarmente abordando conteúdos de Ciências Humanas, utilizando a metodologia própria da pesquisa arqueológica. Destacam-se os métodos e técnicas experimentais e simulados, articuladas com a metodologia da Educação Patrimonial. Nesta perspectiva, Antas (2012) salienta que:

A Arqueologia é provavelmente uma das disciplinas científicas que mais fascínio provoca junto de crianças, adolescentes e adultos. Este fascínio está intimamente associado ao mistério da descoberta e à imagem que a comunicação social faz da arqueologia e dos arqueólogos em geral, surge como um misto de aventura, mistério, ciência e herança cultural (ANTAS, 2012, p. 348)

A “Arqueologia Experimental” é uma ferramenta eficaz que transforma o conhecimento teórico em significativo, implica em atividades práticas, que simulam o modo de produção e de vida no passado..

[...] a experimentação tem um papel fundamental na abordagem dos processos técnicos hoje desaparecidos, permitindo testar e recriar de forma controlada as hipóteses e pressupostos teóricos sobre os modos de produção e de utilização dos materiais arqueológicos (IGREJA; GARCIA e PIMENTA, 2007.p.19)

Na experimentação, o aluno constrói o conhecimento através das vivências, da experiência teórico e prática. Ela se torna uma importante estratégia de motivação que desperta o interesse da descoberta nos alunos. Nesse processo ocorre a transposição didática, a conversão do saber científico para o saber escolar.

A criança tem paixão inata pela descoberta e por isso convém não lhe dar a resposta ao que não sabe, nem a solução pronta a seus problemas; é fundamental alimentar-lhe a curiosidade, motivá-la a descobrir as saídas, orientá-la na investigação até conseguir o que deseja (MARTINS, 2007, p. 78).

3.1 Arqueologia e a interdisciplinaridade em Ciências Humanas

O ensino das Ciências Humanas vai muito além da introdução de conceitos; exige uma reflexão apurada deles, tendo na experimentação uma forma de potencializar a percepção do aluno. Desse modo, a arqueologia é considerada uma disciplina independente e que está intimamente relacionada com a história e com as demais disciplinas das ciências sociais (FUNARI,1999) O principal objetivo do arqueólogo consiste em promover a reflexão crítica sobre as condições sociais e humanas, através do método crítico de investigar e expor as características e dinâmicas da sociedade no passado, o arqueólogo explora os contextos sociais e políticos contidos no objeto (FUNARI,1999. p. 11)

Nesse sentido, Funari (2014) destaca que a Arqueologia tem como propósito estudar a cultura material, buscando compreender as relações sociais e as transformações na sociedade através da análise de objetos (artefatos). Os objetos agem como indicadores das relações sociais e também como mediadores das atividades humanas. Desse modo, quando o arqueólogo estuda um objeto ele tem como objetivo compreender a finalidade da produção e uso desse objeto, desvendar os saberes contido nele. A arqueologia interage com a história, a antropologia e disciplinas afins, pois ela abrange a totalidade do campo social.

Por conseguinte, a cultura material dos Povos originários é um excelente mecanismo de estudo para trabalhar os aspectos interdisciplinares dos períodos Pré-colonial e Colonial da história nacional, regional e local nos seguintes exemplos:

- Na disciplina de História pode-se estudar os diferentes grupos/etnias indígenas e suas relações sociais e culturais, através da análise de artefatos como líticos (pedra lascada, polida) ou cerâmicos. Compreender a partir dos objetos as transformações, mudanças e permanências das sociedades no tempo e no espaço, identificando o modo de produção e o uso das tecnologias.
- Na Geografia, poderão ser debatidos conteúdos como as relações entre os grupos indígenas com meio ambiente, abordando o uso dos recursos naturais para a fabricação de objetos culturais.

- Na sociologia analisar as relações sociais e culturais, como os hábitos, costumes, as relações de poder, hierarquia, parentesco, disputas, pertencimento cultural, relações de trocas, entre outros.
- Na Filosofia estudar os significados simbólico - estéticos dos objetos, a linguagem simbólica (mitos e os ritos), linguagem visual da arte, o belo e o feio, a cosmovisão indígena sobre os objetos culturais.

Neste sentido, a presente pesquisa buscou demonstrar e (Re)afirmar com base em estudos de distintos arqueólogos(as) e educadores patrimoniais que a arqueologia é uma ciência de caráter interdisciplinar, englobando em seu estudo as dimensões históricas, geográficas, sociais e filosóficas. Além de demonstrar a importância dos conhecimentos didáticos da ciência arqueológica no planejamento das atividades de ensino do professor(a) de Ciências Humanas nas escolas.

3.2 A Utilização dos objetos materiais como ferramentas de ensino na educação básica

Para Hirata, et al (2007) os objetos culturais são documentos que trazem consigo informações sobre determinada sociedade, são impregnados de memória individual e coletiva. A análise dos objetos leva o aluno a compreender a “história contida” neles:

[...] objetos materiais são tão significantes quanto as palavras para descrever uma sociedade e a Arqueologia ao constituir-se na principal disciplina a investigar as sociedades humanas a partir da ótica dos vestígios materiais remanescentes, terá uma contribuição significativa a dar a uma prática pedagógica centrada na exploração do *mundo das coisas*. (HIRATA, et. al.2007, p.420).

Neste caso, trabalhar a “Arqueologia por meio da Educação Patrimonial na escola” fortalece a relação do indivíduo com suas heranças culturais. Os objetos da cultura material, são instrumentos mediadores no processo de ensino aprendizagem. Eles são testemunhos da história e portanto, dotados de memória e significados

históricos. Como destaca Hirata et.al (2007); os objetos da cultura material são importantes recursos educacionais:

Na sala de aula, a partir do manuseio orientado e problematizado de um conjunto de artefatos e da constituição de dados a respeito deles (matéria-prima, técnica de produção, função) é possível ir construindo um discurso hipotético sobre a sociedade que os produziu, utilizou e posteriormente os descartou. O mesmo percurso metodológico poderá ser experimentado diante de uma estrutura arquitetônica ou de um espaço na paisagem que tenha sofrido a ação do trabalho humano (HIRATA, et. al.2007, p.421).

De acordo com Vidal (2010), *“os artefatos tornam-se símbolos da identidade local, assim como os remete a uma memória interiorizada, vivida, presenciada, em alguns casos uma memória construída, tratando-se de sítios pré-coloniais”*. Em relação à arqueologia de resgate, a autora destaca, que esta tem como objetivo realizar sondagens nas áreas onde existem sítios arqueológicos, para localizar, identificar e registrar os sítios in loco, avaliando o seu estado de conservação e assim estabelecer medidas para a preservação e salvamento do patrimônio arqueológico.

Entretanto, o acesso aos objetos arqueológicos muitas vezes é limitado aos profissionais da Arqueologia. Neste caso, como professores e educadores patrimoniais, é necessário buscarmos algumas alternativas para termos acesso à cultura material, como as atividades experimentais no ensino da Pré- História brasileira com os seguintes objetos indígenas: objeto museal, objeto replicado e objeto híbrido.

Em relação ao objeto museal destaca-se que este é portador de informações, e instrumento construtor de conhecimentos, quando o objeto é museificado ele se torna fonte de conhecimento, fonte de pesquisa. Pavani e Sobreira (2009) salientam que:

Nos museus, os objetos acabam se transformando numa espécie de resumo da sociedade, aparecendo como grandes documentos. São lugares onde a memória defende-se da dissipação da lembrança. (PAVANI; SOBREIRA,2009,p.130)

É através da visita guiada ao museu os alunos podem compreender a importância dos objetos museológicos e suas interações na memória social e cultural da sociedade.

[...] podemos falar ao potencial educativo de um museu, pois o discurso museográfico permite concretizar mensagens e ideias, enfim, comunicar os resultados da produção de um certo conhecimento (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2004. p. 107)

O museu é um importante espaço de cultura, que tem como função a salvaguarda dos objetos produzidos pelo homem. Ele é o principal canal de difusão do conhecimento arqueológico, a visita guiada concretiza uma série de interações, da memória social e cultural da sociedade.

Neste caso, Almeida e Vasconcelos (2004) sugerem que ao levar os alunos ao museu o professor, precisa antes visitar o espaço e verificar quais serão as ações educativas desenvolvidas no espaço. Os alunos devem ser preparados com exercícios de observação, seguindo as orientações da metodologia da Educação Patrimonial.

Dentre as atividades pedagógicas que podemos desenvolver com a cultura material encontra-se a confecção de réplicas de artefatos, utilizando as mesmas técnicas dos antepassados e materiais similares como gesso, argila, isopor, entre outros. Na reprodução de réplicas os alunos podem aprender a fazer e utilizar os objetos que observaram na visita ao museu, satisfazendo a curiosidade e dando espaço à criatividade dos alunos (Cura, Cura e Oosterbeek, 2008)

As réplicas podem ser idênticas, ou seja, reproduções exatamente iguais, confeccionadas em moldes, na sala de aula podemos criar moldes de massinha de modelar a partir do objeto original, utilizando o gesso para copiar o objeto. Réplicas similares ou fac-símile possuem características semelhantes ao original, podem ser feitas a mão, moldando o objeto com massinha de modelar, usando como referências as imagens dos artefatos.

Os objetos híbridos são versões contemporâneas dos objetos indígenas, é a mescla de práticas tradicionais com novas tecnologias que refletem a miscigenação do natural e industrial. *“Os artefatos de uso doméstico que fazem parte do nosso cotidiano carregam em si uma profunda referência às etnias das quais se originaram”*. (NOGUEIRA, 2006, p. 5) Objetos como peneira, cesto, pilão e cuia, ao serem incorporados a nossa sociedade, sofreram algumas mudanças nas formas de produção passando do artesanal ao industrial, substituindo os materiais naturais aos sintéticos (plástico, vidro)

As transformações socioculturais e ambientais modificaram o processo de produção tradicional indígena dando origem a uma transição cultural, vinculada à ideia de desenvolvimento econômico e de modernização. As produções de artefatos híbridos representam a mestiçagem de práticas tradicionais com elementos inovadores advindos das novas práticas sociais (RIUL, SANTOS, 2014, p. 2)

Desse modo, a experimentação contribui para a exploração das informações contidas no objeto; é o momento de fixação do conteúdo. Conforme Cura, Cura e Oosterbeek (2008), a experimentação arqueológica tem um papel essencial na apropriação do conhecimento. Ao visualizarmos as peças de museus ou réplicas temos um contato direto com fontes históricas, desenvolvendo a capacidade de observação e raciocínio lógico.

Outra possibilidade de se trabalhar Arqueologia e Educação Patrimonial na escola é a implantação do Clube de Arqueologia como um projeto de intervenção pedagógica que procura desenvolver atividades experimentais que envolvam os alunos em situações problemas, por meio da manipulação das fontes primárias e reconstituição dos modos de vida.

[...] os clubes de arqueologia visam possibilitar novas formas de aprendizagem aos alunos das escolas. Um clube de arqueologia pode conferir uma dinâmica à própria escola, através da interdisciplinaridade, contribuindo em última análise para uma melhoria do processo de ensino aprendizagem. (ANTAS, 2012, p 449-450)

Para o Clube de Arqueologia ser implantado na escola, Antas (2012) nos esclarece a necessidade da elaboração de recursos pedagógicos como: **1)** Documental e multimídia, com várias publicações sobre arqueologia educativa e *software* educativo em arqueologia; **2)** Laboratorial, onde se ensinam os princípios gerais da conservação e se procede à limpeza, marcação e inventariação de materiais arqueológicos; e **3)** Experimental, uso de técnicas da arqueologia experimental. (ANTAS, 2012, p.452)

A organização de trabalho no Clube de Arqueologia de acordo com Antas (2012) é dividida por áreas entre elas estão: **a)** Área de trabalho, onde são realizadas atividades práticas de contato e manuseamento de materiais arqueológicos da época estudada. **b)** Área de atividades práticas, em que se desenvolvem atividades de visitas de estudo a locais de interesse arqueológico

(estações arqueológicas, museus) e de interesse histórico. (ANTAS, 2012, p.454 - 455)

O Clube de Arqueologia é o espaço do aluno, para ele aprender e reconstruir a história do passado, nesse espaço o aluno pode desenvolver a investigação e o conhecimento histórico. (ANTAS, 2012, p.455)

Com a intenção de fornecer subsídios para o professor de Ciências Humanas trabalhar em aula a temática de Educação Patrimonial no âmbito regional, sugerimos algumas propostas de abordagem interdisciplinar, utilizando os recursos da cultura material indígena.

Atividade1

A Pré - História e a História do Rio Grande do Sul sob o prisma dos artefatos indígenas

Disciplinas: História e Filosofia

Objetivos: Compreender o que são documentos históricos e vestígios arqueológicos, identificando sua importância para a construção de explicações históricas. Utilizar procedimentos da atitude filosófica para aprender a ler objetos e registrar as informações obtidas, investigar o valor simbólico - estético, seus mitos e ritos.

Metodologia: Leitura de objetos e pesquisa científica

Material: Objetos de origem indígena, utensílios, ferramentas entre outros.

Desenvolvimento: Realizar exercícios de observação e reflexão, a partir de questionamentos da atitude filosófica **O que é** definição, significado, **Porque é** utilidade, motivo, razão, fundamento, **Como é** procedimento, maneira, forma.

Atividade 2

A relação do homem com o meio ambiente: os recursos naturais na cultura indígena

Disciplinas: Geografia e Sociologia

Objetivos: Compreender as relações entre o homem e o ambiente, a partir do seu aspecto sócio - cultural. Conhecer e identificar os recursos naturais utilizados na fabricação dos objetos.

Metodologia: Estudo de Campo e Análise de dados do meio físico e biótico que indicam locais de assentamentos antigos (Geoindicadores Arqueológicos)

Material: Matéria - prima da confecção de cestaria como folha de butiá, Mostruário de rochas, minerais e solos **Desenvolvimento:** Apresentar alguns recursos naturais utilizados na produção de objetos indígenas. Levar os alunos a uma “Expedição às riquezas naturais locais” para explorar a flora, a fauna, as rochas e minerais da cidade. Catalogando os elementos da natureza que indígenas usavam, ex: plantas como bambu, pedras como sílex (rocha utilizada na confecção de pontas de flechas, facas e para acender o fogo) e mineral como a argila entre outros.

Atividade 3

A arte indígena e o seu saber-fazer: um importante mecanismo de resistência cultural

Disciplinas: Sociologia e Filosofia

Objetivos: Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos. Identificar em seus artefatos culturais (roupas, instrumentos ...) influências indígenas.

Metodologia: atividade prática, uso da Técnica do trançado indígena

Material: Jornal, cola branca, tinta e pincel **Desenvolvimento:** Solicitar aos alunos que tragam diferentes objetos trançados que tenham em casa como peneira, balaio, cesto, rede de pesca e de dormir, chapéu e bolsa de palha, tapete de retalho trançado. Conversar com os alunos sobre as influências da cultura indígena na construção da identidade brasileira, essas influências podem ser percebidas nos objetos do nosso cotidiano. Na atividade prática a proposta é fazer apenas uma

base quadrada trançando o jornal (ou revista), e depois pintar essa base e desenhar alguns grafismos indígenas, o resultado é um descanso de panela.

Atividade 4

A distribuição dos grupos étnicos no Rio Grande do Sul

Disciplinas: História e Geografia

Objetivos: Conhecer e identificar a localização dos povos indígenas que habitavam o Rio Grande do sul durante o período pré-colonial e colonial.

Metodologia: Leitura de Mapas históricos e trabalho de campo “Situr”³

Material: Atlas histórico escolar e atlas nacional do Brasil **Desenvolvimento:** Leitura e análise dos mapas históricos, Levar os alunos a um “Situr” um passeio guiado aos sítios arqueológicos da cidade de São Borja, fazendo registros escritos e fotográficos. Posteriormente eles devem confeccionar um mapa falado, mostrando a localização das etnias indígenas na cidade de São de Borja nos períodos pré-colonial e colonial, Criando um painel com imagens e informações dos Patrimônios Arqueológicos indígenas da cidade.

3.3 Oficinas de Arqueologia Experimental/Simulada no ensino da História local

Funari (2008) ressalta que as fontes históricas passaram a incluir a análise da cultura material, juntamente com o estudo da tradição textual e dos arquivos, a partir do desenvolvimento dos movimentos historiográficos impulsionados pela Escola dos *Annales*.(FUNARI,2008, p. 90-91). A renovação no campo da ciência histórica foi desencadeada pelo movimento da Nova História, que reconheceu a contribuição dos objetos culturais, na mediação da construção do conhecimento histórico.

Neste sentido, nas oficinas de Arqueologia Experimental o aluno vivencia situações de construção e uso de objetos materiais, tendo contato direto com a cultura material indígena, oferecendo a eles diferentes situações como manusear,

3 Passeio guiado aos sítios arqueológicos do local.

observar, sentir, questionar, investigar, comparar e refletir, os usos e significados do objeto ao longo do tempo e do espaço.

Para Belletti et al (2013, p. 1) as atividades da Arqueologia Experimental consistem na reprodução experimental das técnicas primárias usadas pelos povos originários para a confecção de seus artefatos. Na participação e observação do processo de produção o aluno agrega ao seu conhecimento teórico o conhecimento empírico

O ensino da História local requer uma atenção especial, pois se trata de um tema de grande relevância. Ao desenvolver essa temática com os alunos, pode-se construir uma proposta de ensino interdisciplinar, utilizando Arqueologia e a Educação Patrimonial como metodologias de ensino-aprendizagem. Compreende-se que a educação patrimonial é parte integrante do processo de formação social, contribuindo com o exercício da cidadania do educando que irá reconhecer e compreender o processo histórico local, saberes, tradições e bens culturais existentes na sua própria cidade.

A partir do estudo da história dos povos originários, os alunos podem compreender a presença e a atuação dos índios na história nacional, regional e local, ao longo do tempo, e também identificar as suas influências nas diversas sociedades, aprendendo a pensar no todo.

Em relação às primeiras ocupações indígenas no Estado do Rio Grande do Sul, as pesquisas do PROPA (Programa de Pesquisas Arqueológicas sobre o Paleoíndio no Rio Grande do Sul) realizadas por Miller (1972/1978) localizaram importantes sítios paleoíndios na região da Fronteira Oeste, como nos municípios de São Borja e Uruguaiana. Os sítios arqueológicos estão situados ao longo do rio Uruguai. (MILLER, 1987; VIDAL, 2013).

Nos sítios arqueológicos do Banhado do M'Bororé situado na zona rural do município de São Borja pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS realizaram um trabalho de campo onde foram identificados vestígios da ocupação indígena pré-colonial, os cerritos Butuy 1 e Butuy 2 e também foram encontrados materiais líticos como lascas, raspadores, boleadeiras e fragmentos cerâmicos. Os cerritos são estruturas organizadas e planejadas, estrategicamente distribuídas em áreas de banhado, que oferece a captação de

recursos naturais. Essas construções serviam como proteção contra os ventos fortes das regiões pampeanas desprovidas de barreira natural (QUINTANA,2010, p.34).

O município de São Borja se encontra na região dos Sete Povos das Missões, foi a primeira Redução Jesuítica de São Francisco de Borja é uma cidade histórica que possui um importante patrimônio missioneiro. Podemos destacar a arte barroca, as paisagens culturais, o imaginário popular, e as representações culturais.

Conforme Pinto (2010):

[...] a identidade missioneira possui uma relação de influência na constituição das outras formas identitárias locais, conseqüentemente, sobre o Patrimônio Histórico-Cultural, como por exemplo, na construção da identidade gaúcha (utilização da erva-mate; cultura da criação de gado; carne assada; instrumentalidade; utilização de artefatos de defesa e próprio discurso do tipo gaúcho missioneiro (PINTO, 2010,p 267.)

No período colonial na Redução de São Francisco de Borja, os indígenas Guarani desenvolveram a arte barroca missioneira, esculturas religiosas feitas de madeira. Os Guarani aprimoraram suas técnicas de esculpir com a ajuda de José Brasanelli (COLVERO e MAURER, 2009). A cultura material está relacionada à identidade, enfatiza a legitimidade e reflete os valores do sujeito que a constrói.

Nesse processo de colonização, os indígenas passaram a assimilar a cultura europeia e vice-versa; essa troca de costumes aproximou os nativos e os colonizadores e contribuiu para a construção de uma nova identidade; a gaúcha. Vários objetos indígenas foram incorporados à vida do gaúcho.

Como afirma Vidal e Silva (1995), os objetos culturais indígenas carregam em si memórias, remetendo ao modo de vida e às tradições de quem os produziram e utilizaram. A Educação Patrimonial possibilita a reprodução das técnicas de construção dos objetos culturais e permite a experimentação do modo de ser do outro.

A cultura material produzida pelos indígenas é um verdadeiro tesouro, esses objetos reconstituem a história de um povo. Os objetos são condutores de informações das sociedades antigas, Hirata et al (2007)

As relações “passado e presente”, “nós e os outros”, são mais facilmente discutidas e compreendidas se partimos da interpretação do mundo material construído por diferentes sociedades. (HIRATA et al, 2007 p. 421)

Com o propósito de conhecer as metodologias empregadas no ensino da história Pré- colonial e Colonial nas escolas municipais, foi realizado um estudo de caso, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, mediante pesquisa documental e entrevistas com professores; foram coletados dados sobre o uso da cultura material.

No decorrer da pesquisa foram analisados documentos da escola, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), para verificar se os conteúdos da história local incluem a temática indígena, e com o levantamento do acervo documental, pretendeu-se conhecer os materiais usados na escola. Também foi aplicado uma entrevista semiestruturada com os professores de história procurando identificar quais suas metodologias e a existência do uso de objetos da cultura material.

O PPP da escola propõe a interação entre os conteúdos e a realidade, no ensino da história local está presente a cultura indígena missioneira. Na Biblioteca não tem nenhum material sobre a pré - história nacional, regional ou local e poucos materiais da História local, como guias de Educação Patrimonial.

Os professores admitiram que não usam metodologias diferenciadas como a exposição de objetos culturais, e que visitas aos museus se tornam difíceis devido a demora em agendar transporte escolar. Eles também alegaram que a falta de material específico da pré- história e história local limita o ensino.

Alencar (1996) nos diz que pouco se sabe sobre a Pré- história no Brasil, e que ausência de materiais didáticos apropriados a essa temática causa equívocos sobre a história indígena.

Quase nada se sabe sobre a vida humana até a chegada dos europeus. Isto é muito ruim, pois passamos a analisar tudo com noções criadas pelos colonizadores, que sempre se consideraram superiores aos nativos. O próprio termo índio, por exemplo, é uma criação dos espanhóis, fruto de um engano dos que se imaginavam nas Índias... (ALENCAR, 1996 p. 5)

A partir dessas informações foram elaboradas oficinas de Arqueologia Experimental, com atividades experimentais de demonstração e observação de objetos, atividades de apropriação de conceitos através da fabricação de objetos, e

também atividades de investigação onde os alunos discutiram temas relacionados à fabricação e uso dos objetos.

O projeto “Arqueologia na escola: a História Pré-colonial e Colonial do município de São Borja”, promoveu oficinas de Arqueologia Experimental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, agregando dessa forma o estudo interdisciplinar das Ciências Humanas a partir da percepção crítica da evolução dos objetos culturais indígenas, na sociedade local.

Este projeto parte da necessidade de discutir o processo de formação da identidade da nossa sociedade. Para isso se faz uso de métodos e técnicas que contribuem para a assimilação do conhecimento. Percebe-se que o estudante, por meio da pesquisa, vai se apropriando e produzindo o próprio conhecimento.

Nas Oficinas Experimentais os alunos reproduziram recipientes cerâmicos Guarani em argila, pinturas rupestres utilizando as técnicas e materiais similares aos usados pelos grupos indígenas pré-coloniais, degustaram alimentos próprios da cultura indígena que continuam presentes na nossa mesa. Os estudantes também participaram de uma escavação simulada.

Como aborda Silva (2001) é na interação que o aluno se apropria do conhecimento.

O sujeito conhece na interação e não na recepção passiva submetida ao falar-ditar. Ele constrói o conhecimento à medida que estabelece trocas com o meio e com os objetos e isto confirma a prioridade da construção do conhecimento sobre a transmissão de informações. Assim, o conhecimento vem das interações e não da assimilação de enunciado. (SILVA, 2001, p.177)

O Projeto conta com oficinas de Arqueologia Experimental que abrangem o ensino das Ciências Humanas. A proposta é utilizar a interatividade das oficinas como aliadas na discussão e compreensão dos conceitos de cultural. O foco do trabalho é a construção do conhecimento através de uma abordagem interdisciplinar, que se dará por meio das etapas da Educação Patrimonial.

Nas atividades experimentais de demonstração utilizaram-se como recursos os objetos indígenas com versões contemporâneas. Foram desenvolvidas seguindo as etapas da Educação Patrimonial Observação, Registro, Exploração e Apropriação orientadas por Horta, Grunberg e Monteiro (1999)

A execução do projeto ocorreu em diferentes momentos de forma a contemplar experiências cognitivas e sensoriais as atividades teórico-práticas foram desenvolvidas com turma do 6º do ensino fundamental da Escola Municipal Duque de Caxias.

- a)** Diálogo, para identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre a história local;
- b)** Sensibilização tátil, visual e de memória através da demonstração de objetos de origem indígenas presente no cotidiano, os alunos manusearam os objetos, identificando, contextualizando e refletindo a importância deles na história local. (peneira, cesto, cuia, pilão, cerâmica);
- c)** Roda de memória; os alunos compartilharam suas histórias e lembranças com os objetos;
- d)** Confecção de réplicas de artefatos arqueológicos, como utensílios de cerâmica, panelas, tigelas e vasos de grupos indígenas pré-coloniais, utilizando a técnica de modelagem: rolete, e as técnicas de decoração: lisa e corrugada;
- e)** Reconstituição de ambientes passados com o uso de maquetes dos Cerritos, do Rio Uruguai e da Redução de São Francisco de Borja;
- f)** Releitura de pinturas rupestres; os alunos desenharam no papel pardo (simulando a pintura na pedra) figuras de pessoas, animais, cenas do seu dia a dia, como trabalho, lazer, assim como os índios faziam,
- g)** Banquete Histórico- como se alimentavam/cozinham no período pré-colonial e colonial; os alunos degustaram alimentos típicos da época que foram incorporados na nossa alimentação, como milho e a mandioca; eles comeram bolo de mandioca e pamonha de colher, uma referência a pamonha indígena;
- h)** Arqueólogo por 1 dia - escavação simulada dos objetos culturais indígenas, a partir de uma caixa-sítio;
- i)** Feira Histórico-arqueológica - exposição dos trabalhos, objetos criados, maquetes e pinturas.

No primeiro momento foi feita uma sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos em relação à história local, através de uma conversa aberta. Perguntei aos alunos quem foram os primeiros habitantes da cidade, como eles viviam e quais eram os objetos que utilizavam naquela época. Através do levantamento, pode-se perceber o conhecimento dos alunos sobre a própria história.

De acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999) o objeto cultural é uma importante fonte histórica de conhecimento.

Nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou. Todo um complexo sistema de relações e conexões está contido em um simples objeto de uso cotidiano [...] interpretar os objetos e fenômenos culturais amplia a nossa capacidade de compreender o mundo. Cada produto da criação humana, utilitário, artístico ou simbólico, é portador de sentidos e significados, cuja forma, conteúdo e expressão devemos aprender a “ler” ou “decodificar” [...] (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO.1999 p.7)

Um objeto do cotidiano de sentido usual, remete à história, e à memória de uma sociedade, ele apresenta diversos significados como técnico, cultural e histórico, obtendo desta forma um valor de documento problematizador do passado

Em sala de aula podemos contextualizar, problematizar e historicizar os objetos que servem como registros da memória coletiva de uma sociedade. Partindo desses pressupostos, apresentei aos alunos objetos de origem indígena que foram incorporados à cultura gaúcha, como a peneira, o cesto, o pilão e a cuia de chimarrão.

No primeiro momento os alunos **observaram** os objetos, manipularam- e sentiram suas texturas, formas e materiais. A partir da leitura desses objetos foram feitos os **registros** que se constituíram na descrição oral de cada um, de modo a socializar as percepções com os colegas. Em seguida houve o momento de **exploração**; os alunos levantaram hipóteses sobre quem produziram esses objetos como eram feitos, e quais eram os seus usos no passado

Os alunos tinham algumas dúvidas sobre a origem dos objetos; expliquei a eles que esses objetos pertencem a gerações anteriores, e que carregam consigo significados, lembranças e memórias do passado.

Os objetos expostos são releituras dos objetos indígenas; por exemplo : o cesto e a peneira, originalmente feito pelos Kaingang, implicam o uso da técnica de trançado, tendo como matéria - prima o cipó, bambu e folhas de butiazeiros. Já o pilão, objeto típico da cultura Guarani, pode ser de pedra ou madeira, e a cuia de chimarrão é confeccionada como o porongo, sendo utilizada pelas duas etnias.

A Roda de memória teve como objetivo a rememoração das histórias e lembranças dos alunos em relação aos objetos expostos. Alguns estudantes falaram dos costumes e usos com os objetos, como o caso da cuia objeto onde é preparado a bebida chimarrão, herança cultural dos índios guarani.

Mostrei a eles o porongo matéria prima da cuia, e o tacuapi bomba de taquara usada pelos índios para consumir a bebida chimarrão, contei aos alunos sobre os significados do chimarrão para os indígenas guarani e para os gaúchos que viviam nas fazendas. Na mitologia indígena o consumo dessa bebida faz parte de rituais como de cura, e fortalecimento.

Para o gaúcho o chimarrão é uma “bebida identitária”, que se caracteriza como um ritual de confraternização e de integração, a bebida é compartilhada em rodas de conversa. O hábito do chimarrão começou no meio rural e hoje está presente também na cidade. O chimarrão tradicional quente e amargo era habitualmente consumido pelos homens do campo. Já as mulheres preferiam o mate doce ou com leite, usando uma xícara de porcelana para substituir a cuia.

Nesta aula, solicitei aos alunos que falassem das semelhanças e diferenças de uso e significado do chimarrão para os indígenas e para os gaúchos. Na fase de **apropriação** os alunos fizeram por escrito as comparações de uso e significado do chimarrão para cada sociedade, eles escreveram frases conceituais.

Ao explorar um objeto podemos descobrir o seu significado em determinados períodos e sociedades, compreendendo sua trajetória no tempo-espço. As características do objeto como forma de produção e uso nos revelam um conjunto de informações de quem o fez ou utilizou, os modos de vida, as relações sociais, de poder e de gênero, as tecnologias utilizadas, as crenças e os valores que esses objetos transmitem.

Na análise dos objetos, podemos estabelecer estudos comparativos, conhecendo e interpretando as características das sociedades que criou e usou o objeto, das sociedades que usa e adapta ele. Por exemplo ao estudar a Cuia de porongo verificamos sua origem, o material utilizado na fabricação, a sua função, os seus modos de uso, suas variações conforme os grupos sociais, ou as suas demarcações políticas.

O objeto mais comum de uso doméstico ou cotidiano pode oferecer uma vasta gama de informações a respeito do seu contexto histórico-temporal, da sociedade que o criou, usou e transformou, dos gostos, valores e preferências de um grupo social, do seu nível tecnológico e artesanal, de seus hábitos, da complexa rede de relações sociais. A observação direta, a manipulação, e o questionamento do objeto através de perguntas apropriadas podem revelar estas informações em um primeiro nível de conhecimento, que deverá ser extrapolado através do estudo e da investigação de fontes complementares como livros, fotografias, documentos, arquivos cartoriais e eclesiásticos, pesquisas, entrevistas, etc (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO.1999 p.10-11)

A partir da análise etnográfica do objeto pode-se entender como ele participa do cotidiano das sociedades, descobrindo o papel que o objeto ocupa na construção do imaginário, da memória, dos hábitos, ele está impregnado de sentidos e simbolismos. Estudando os objetos compreendemos as relações sociais que regem as escolhas e determina os comportamentos.



Foto 1: exposição em sala de aula dos objetos do nosso cotidiano de origem indígena (Fotos Andreia Cardoso)

A proposta das oficinas está focada em fortalecer a relação dos alunos com suas heranças culturais indígenas. A partir da experiência e do contato direto com os objetos da cultura material indígena, busca-se levar os alunos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua identidade.

Na etapa seguinte foi realizada a atividade experimental de apropriação de conceitos, com a oficina de confecção de cerâmicas Guarani, onde os alunos vivenciaram o processo de criação de objetos em argila, como vasos e panelas de barro, tendo a oportunidade de utilizar as mesmas técnicas desenvolvidas pelas indígenas Guarani..

Durante a produção dos objetos, foram abordados temas sobre as relações de gênero nas tribos guarani. A fabricação e decoração das peças é feita pelas mulheres, já a função dos homens era de trazer a matéria-prima até as mulheres.

Para Schmitt e Avello (2013) trabalhar com oficinas de fabricação de cerâmica em sala de aula, promove no aluno a investigação e a reflexão sobre os diversos temas relacionados às sociedades indígenas.

Proporcionar aos alunos as oficinas de cerâmica é possibilitar uma forma dinâmica de aprendizado, onde o educando durante a ação pode refletir e entender as dificuldades que os povos ceramistas encontravam para confeccionar suas peças de argila, entendendo seus hábitos e costumes. (SCHMITT, AVELLO, 2013.p.497)

Na produção de cerâmica percebi o encantamento dos alunos ao descobrirem como viviam seus antepassados. A possibilidade de criar o que está sendo estudado, contribui significativamente para o entendimento do aluno, ao colocar a “mão na massa” eles analisam e compreendem o processo de composição do objeto, e o seu significado para a sociedade.

Assim, através da Arqueologia experimental, é possível pensar, quanto à pré-história, a relação entre a produção de artefatos e o vasto conhecimento possuído pelos indígenas sobre a produção cerâmica. Nesse sentido, também se pode pensar nas tecnologias de produção e nas relações pessoais de organização social (BELLETTI et al, 2013, p. 4)



Foto 2: alunos confeccionado cerâmicas guarani São Borja



Figura 3: alunos construindo as maquetes dos espaços geográficos, pré colonial e colonial de

Na oficina de confecção de maquetes, os alunos reproduziram os espaços físicos dos períodos pré-colonial e colonial da cidade de São Borja. A representação tridimensional da ocupação e uso do solo e dos recursos presentes nesse ambiente, permitiu aos alunos a visualização e compreensão do espaço vivido.

O uso de maquete permite a representação da paisagem e do seu uso, trazendo aos alunos a materialização dos espaços. Nas maquetes os alunos retrataram os diversos ambientes como os Cerritos do Bororé, as aldeias próximas do Rio Uruguai e a Redução de São Francisco de Borja.

Com base na representação tridimensional os alunos observaram as características das sociedades indígenas antigas, e fizeram uma análise territorial, identificando as práticas de exploração das suas áreas.

Na oficina de releitura de pinturas rupestres, apresentei aos alunos imagens de pinturas que retratavam cenas do cotidiano dos paleoíndios como, narrativas, eventos e rituais. Os desenhos exprimiam sentimentos, valores e deveres de determinada tribo, as pinturas indígenas eram feitas no corpo, em objetos cerâmicos ou também em pedras.

Contei para eles que esses desenhos eram vistos como uma forma de linguagem e de expressão mítica dos grupos indígenas. Eles eram feitos com elementos da natureza: extrato retirado de plantas, árvores, frutos e carvão.

Os alunos sob orientação da professora e autora do relato produziram tintas naturais feitas com uma mistura de urucum, açafrão, cola branca e água, eles também utilizaram carvão, para a criação coletiva do painel de releitura. Onde os alunos desenharam momentos e objetos do seu dia a dia.

Na oficina de banquete Histórico os alunos conheceram como se alimentavam os povos indígenas no período pré-colonial e colonial na fronteira oeste. Expliquei aos alunos como eram adquiridos os alimentos, através de caça, coleta, plantio, quais eram os principais alimentos consumidos, como eram preparados.

Os alunos degustaram algumas comidas típicas da culinária indígena como a pamonha a base de milho e o biju bolo de mandioca. A cultura dos saberes e fazeres indígena está presente nos hábitos alimentares dos gaúchos, assim como o fogo de chão, o espeto de pau, o milho assado, a farinha de mandioca entre outros.



Foto4: alunos preparando tintas naturais indígenas a base com urucum e açafrão



Foto 5: degustação de comidas típicas da culinária de milho e mandioca

Na oficina Arqueólogo por 1 dia, os alunos realizaram uma escavação simulada dos objetos culturais indígenas, feita em uma caixa-sítio, ou seja foi reproduzido um sítio arqueológico dentro de uma caixa de papelão com areia e artefatos cerâmicos feitos pelos próprios alunos.

Os alunos utilizaram instrumentos de campo da Arqueologia como pá de plástico, pincel, lupa, prancheta com fichas entre outros. Eles entraram em contato com as metodologias da pesquisa, para compreenderem como funciona uma escavação.

Na primeira etapa os alunos limpam os objetos, fizeram a medição do tamanho e espessura, no exame visual observaram à lupa binocular a superfície do artefato, por meio da análise Traceológica (estudo dos vestígios de uso que indicam o contato com o material trabalhado) determinaram a função e o modo de utilização do objeto e o seu estado de conservação, posteriormente foi realizado a marcação e colagem dos fragmentos de cerâmica,

Na segunda etapa os alunos analisaram e anotaram suas principais características nas fichas de identificação, indicando os possíveis modos de vida dos habitantes do sítio. Nessa atividade os alunos vivenciaram a história, aprenderam como se faz a pesquisa histórica, como se constrói conhecimento, como levantar hipóteses e como pensar na construção da própria história.



Foto 6: alunos em busca de artefatos indígenas na caixa-sítio



Foto 7: alunos analisando o artefato indígena

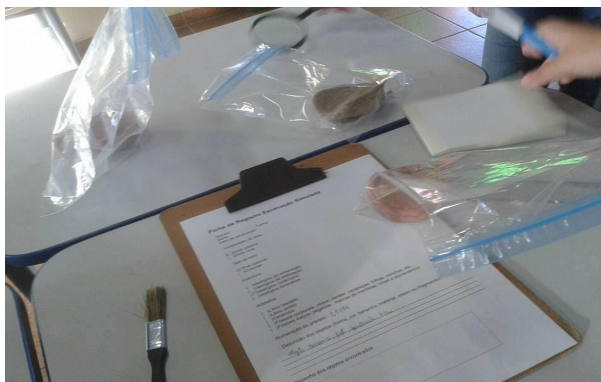


Foto 8: alunos registrando os dados do artefato na ficha de identificação

No encerramento das atividades aconteceu a Feira Histórico-arqueológica no saguão da escola, com exposições dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, como os objetos de cerâmica, as maquetes, e as pinturas. A Feira proporcionou o compartilhamento dos conhecimentos adquiridos nas oficinas práticas, e colaborou para fomentar o interesse dos demais alunos, pela própria história.

Nas oficinas de Arqueologia Experimental os alunos aprenderam de forma lúdica, empírica e interdisciplinar a analisar os objetos, e identificar os seus processos de produção, e suas relações sociais e culturais com o indivíduo. Também aprenderam a discernir as estruturas e funcionamento dos sistemas sociopolíticos das sociedades antigas.



réplicas de artefatos cerâmicos



Foto: 10 maquete de cerritos



Foto : 11 maquete aldeias indígenas nas margens do Rio Uruguai

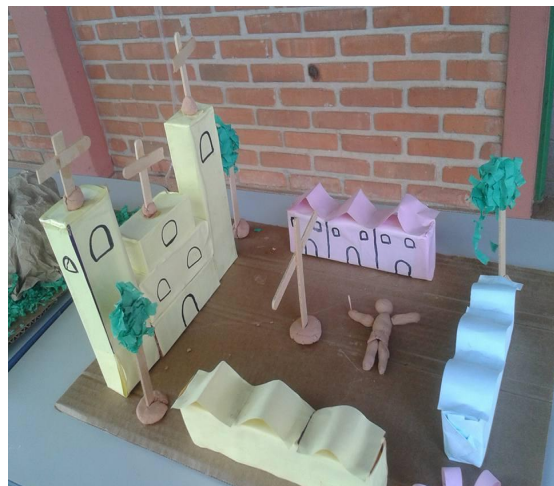


Foto : 12 maquete redução de São Francisco de Borja



Foto 13: painel com desenhos (Fotos Andreia Cardoso)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo formativo do professor tem seu início no curso de licenciatura, e sua continuidade em sala de aula. O aprender a ser professor é uma ação contínua, que se desenvolve na prática escolar. Ao se colocar como professor aprendiz, que aprende ao ensinar, o docente constrói o conhecimento pedagógico.

O curso de Licenciatura em Ciências Humanas na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA contempla no seu programa a presença de atividades direcionadas a Educação Patrimonial, dando ênfase nas questões de valorização, preservação e difusão da cultura local. O foco do curso de formação em Ciências Humanas da UNIPAMPA é discutir e propor formas de utilizar as metodologias da Educação Patrimonial em sala de aula. O desenvolvimento de atividades de Educação Patrimonial no curso de graduação tem o papel de construir novas concepções de conhecimento e aprendizagem; é um momento que visa explorar o senso crítico do discente.

Dessa forma, as aulas práticas são essenciais para a formação docente, servindo como treino para professor aprendiz, onde ele tem o primeiro contato com a preparação e execução das aulas. Caracteriza-se como uma fase preparatória de planejamento, na criação de propostas e ações pedagógicas e nas intervenções em sala de aula para aprimorar o futuro professor.

Ao ensinar o professor também aprende, com o desenvolvimento deste projeto, tive a oportunidade de refletir o processo de ensino-aprendizagem em Ciências Humanas. Através das minhas experiências nas atividades empregadas em sala de aula compreendi a importância da experimentação arqueológica na participação ativa do aluno.

O uso das experimentações arqueológicas como metodologia de ensino aprendizagem aguça a curiosidade e a participação dos alunos, eles exploram todos os aspectos socioculturais dos objetos e também identificam em quais condições e circunstâncias esses objetos foram criados e usados no passado. As oficinas de Arqueologia experimental propõem um novo olhar sobre os objetos.

O ato da experimentação Arqueológica leva o aluno ao envolvimento, a recriação do passado. A articulação da teoria com a prática resulta na consolidação do conhecimento, nas atividades experimentais o aluno presencia ao “vivo e a cores”, a realidade da sociedade estudada, podendo comprová-las..

Nesse sentido, ensinar Ciências Humanas vai muito além da introdução de conceitos, exige uma reflexão apurada deles, tendo na experimentação uma forma de potencializar a percepção do aluno. Ao trabalhar com a cultura material dos povos indígenas por meio da experimentação arqueológica, o aluno aprende a distinguir o modo de vida de outras sociedades das suas vivências pessoais. A experimentação permite a extração de informações, tendo um caráter investigativo, o aluno assume uma postura de pesquisador e desenvolve o seu senso crítico.

Nessa medida, as atividades práticas desenvolvidas nas oficinas visaram sensibilizar os alunos para uma consciência preservacionista em relação ao patrimônio cultural local. A partir do reconhecimento das origens da própria identidade, busca-se a valorização da história indígena local, compreende-se ainda que preservar é manter vivos, os usos, costumes e memória dos nossos antepassados.

A pesquisa também configura-se no uso de novas metodologias para o ensino de Ciências Humanas nas escolas através de atividades de Educação Patrimonial interdisciplinares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, F. **História da sociedade brasileira**. 14 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996.

ALMEIDA, A. M.; VASCONCELLOS, C. de M. **Por que visitar museus**. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na Sala de Aula*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ALMEIDA, A. W. B. de. **Quilombos e as Novas Etnias**. In: Eliane Cantarino O'Dwyer (Org.). *Quilombos: Identidade Étnica e Territorialidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ANTAS, M. N. do B. **A arqueologia e a educação: rede de clubes de arqueologia nas escolas**. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série v.2, 2012, p.445-464.

BELLETI, J. da S.; AÑAÑA, D. da S.; RAMOS, R. N.; ZORZI, M.; ULGUIM, P.F.; DE BEM, E.; MACIEL, L. L.; VIANA, J.. **Arqueologia experimental: interpretação e produção de artefatos cerâmicos**. In: XIV Congresso de Iniciação Científica. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

BRASIL. **Lei nº 6.001, de 19 de Dezembro de 1973**. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Brasília/DF: 1973.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília/DF: 1996.

_____. **Lei nº 11.645, de 10 de Março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em 12 de maio de 2016.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 12 de maio de 2016.

COLVERO, R.; MAURER, R. **São Borja e seu patrimônio quase esquecido: o caso das Missões Jesuíticas na Terra dos Presidentes**. In: IV Congresso Internacional de História, série IV, 2009, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009.

CURA, S.; CURA, P.; OOSTERBEEK, L. **Projecto Andakatu: didáctica da pré-história através da experimentação in arqueologia experimental – recriações do passado em ritmos do nosso tempo**. Actas das Sessões do Fórum Valorização e Promoção do Património Regional, vol.4, 2008.

FUNARI, P. P. **Arqueologia**. 3.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

FUNARI, P. P. **Os historiadores e a cultura material**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

FUNARI, P. P. A. (Org.). **Cultura Material e Arqueologia Histórica**. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1999.

FUNARI, P. P.; PIÑÓN, A. **A temática indígena na escola: subsídios didáticos para professores**. São Paulo: Contexto, 2011.

HIRATA, E.F.V.; ELAZARI, J.M.; MORITZ, J.; COSTA, A.; CORDEIRO, S. **Explorando a Arqueologia: um projeto educativo no Engenho São Jorge dos Erasmos**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, nº17, 2007, p.419-433.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

IGREJA, M. de A.; GARCIA, M.M.; PIMENTA, C. M. **Um exemplo de abordagem experimental da interface traceologia lítica:** Arqueozoologia: esquiteamento e tratamento da pele de um corço (*capreoluscapreolus*) com artefactos de pedra lascada. In: Revista portuguesa de arqueologia, v.10, nº 2, Lisboa, 2007, p.17-34.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos.** Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LARAIA, R. B. **Cultura, um conceito antropológico.** 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LINDÓRIO, R. **Antropologia Missionária:** A antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e comunicação do evangelho em contexto intercultural. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/38309264/eBook-Antropologia-Mission-Aria-Ronaldo-Lidorio>>. Acesso em 12 de Maio de 2016.

MARTINS, J. S. **O trabalho com projetos de pesquisa:** do ensino fundamental ao ensino médio. 5.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas:** Estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MILLER, E. T. Pesquisas **Arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental.** Estudos Atacameños, nº8 (especial), San Pedro de Atacama, Universidad Del Norte, 1987, p.37-61.

NEVES, E. G. **Os índios antes de Cabral:** arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís D. B. (Orgs). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

NOGUEIRA, J. F. S. **Etnodesign e cultura brasileira:** memória, resgate e identidade. In: II Seminário Internacional Fronteiras Étnico-culturais fronteiras da exclusão. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande/MS, 2006.

ORSER, C. **Introdução à arqueologia histórica**. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1992.

PAVANI, D. C. SOBREIRA, M. R. N. **Museu como recurso didático para o ensino da história**. Jornada dos Cursos de História, Geografia e Arquitetura: Espaço, História e Globalização. Curitiba: USC, 2009.

PINTO, M. **Primeira dos Sete Povos das Missões –“A Terra dos Presidentes”**: uma análise das políticas e das representações do patrimônio na cidade natal de Getúlio Vargas. Patrimônio e Memória, UNESP, v.6, nº 2, 2010, p.250-275.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (ed.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Clacso, Buenos Aires, 2005.

QUINTANA, V. B. **Lugares pensados, lugares transformados, lugares vividos**: os cerritos do Banhado do M' Bororé enquanto manifestações de uma cultura local. Dissertação (Mestrado em História). PUC-RS, Porto Alegre, 2010.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido de Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIUL, M.; SANTOS, M. C. L. dos. **Artefatos híbridos**: expressões materiais do dinamismo cultural e questões de reflexão para o design. In: Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, v.1, nº4, São Paulo, 2014.

SANTOS, M. E. **O Egito em museus paraenses**: possibilidades para o ensino e a pesquisa. In: BALTHAZAR, Gregory da Silva; BAKOS, Margarel M.; MATOS, Julia S. (Orgs.). Diálogos com o Mundo Faraônicos. Rio Grande: FURG, 2009.

SCHMITT, D. V; AVELLO, A. S. **Por uma história moldada na argila**: o uso de oficina de cerâmica para conhecer diferentes culturas. Revista Latino-Americana de História da UNISINOS, v.2, nº 6 (especial), 2013.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Quarteto, 2001.

TRIGGER, B. G. **Historia do Pensamento Arqueológico**. Dalysseus Editora. São Paulo. 2004.

VIANA, J. **Arqueologia experimental: interpretação e produção de artefatos cerâmicos**. In: XIV Congresso de Iniciação Científica. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

VIDAL, L.; SILVA, A. L. **O Sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material**. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís D. B. (orgs). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus, Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

VIDAL, V. M. P. **Arqueologia de Resgate e seu Papel Social: a educação patrimonial como “alfabetização cultural”**. In: História E-história. Publicação realizada com o apoio do grupo de pesquisas arqueológicas na UNICAMP, São Paulo, Brasil, 2010.

VIDAL, V. M. P. **Os artefatos de arremesso dos campos da América Meridional: um estudo de caso das boleadeiras**. Dissertação (Mestrado em História – Área de Concentração: Arqueologia). PUC-RS, Porto Alegre, 2009.

VIDAL, V. M. P. **Os sítios arqueológicos paleoíndios na fronteira oeste do Rio Grande do Sul: novas perspectivas de estudo**. História e-História, v.1, 2013.

VIEIRA, C. M. N.; SILVA, M. I. da; NASCIMENTO, A. C.. **A questão das identidades étnicas na sala de aula: culturas negra e indígena subjugadas e não ditas nas escolas do Mato Grosso do Sul**. Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:iWIF0uM1dv0J:neppi.org/gera_anexo.php%3Fid%3D479%2520target%3D+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br>. S/D. Acesso em 12 de Maio de 2016.

ANEXO

Anexo 1 Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada

Tema: Artesanato indígena Kaingang

- 1) Como a habilidade artística é ensinada? E com que idade se começa aprender a fazer artesanatos?
- 2) Quem produz artesanato?
- 3) Qual é o principal fator para a produção de artesanatos?
- 4) A produção de artesanato tem algum valor além do próprio objeto ?

Anexo 2 Transcrição de Entrevista

Pesq: pesquisadora

Onório Moura: entrevistado

Data da entrevista: 14 de Agosto de 2017

Local da entrevista: Unipampa Campus São Borja

Pesq. Então Onório me fale sobre o artesanato indígena Kaingang

Onório: O artesanato indígena Kaingang era produzido e utilizado antigamente para coletar e armazenamento alimentos, as cestarias tem diferentes modelos e formas, as formas variam muito de uma comunidade indígena para outra, a matéria- prima é retirada da natureza. Hoje ele tem como função essencial a troca por dinheiro, ou seja a venda para a subsistência, e também como uma forma de divulgar a sua cultura. Os artesanatos hoje são produzidos em maior escala devido a demanda, uma das marcas que o povo Kaingang utiliza no artesanato é o grafismo e as cores fortes, que leva consigo a história e os símbolos indígenas.

Onório: A habilidade de produção de artesanato é passada de geração pra geração, se aprende desde criança vendo os mais velhos fazer.

Onório: No processo de fabricação do artesanato o homem participa através da coleta dos materiais e no acabamento do objeto, a mulher tem a tarefa de produzir o objeto.

Onório: A produção de artesanato hoje além de ser uma fonte de renda, ela tem um valor cultural muito importante para a manutenção, e dar continuidade às tradições ancestrais.